

APONTAMENTOS SOBRE CULTURA ESCRITA E PRÁTICAS EPISTOLARES

CARLA GASTAUD*
BRUNA FRIJO COSTA**

Resumo: A carta não é uma invenção dos séculos XVI e XVII, entretanto, é nesse período que adquire importância como instrumento de comunicação social; escrever cartas é uma prática social da cultura escrita que se generaliza e populariza ao mesmo tempo em que uma parcela maior da população é alfabetizada e são criados os sistemas escolares. Além disso, é possível apreender, através da materialidade da escritura epistolar, como os artefatos culturais implicados nas práticas de correspondência são postos em ação na erudição, na caligrafia, na gramática, no estilo, na arte epistolar, na construção das sociabilidades e no pacto epistolar. **Palavras-chave:** Escrita epistolar; cultura escrita; práticas de correspondência.

Abstract: Letters were not invented in the 16th or the 17th century, however, it was during this period that they gained significance as an instrument of social communication; writing letters is a social practice in writing culture that achieved popularity as greater number of people became literate and school systems were created. Moreover, through the materiality of epistolary writing, it is possible to see how the cultural artifacts involved in correspondence practices are put into action in erudition, calligraphy, grammar, style, epistolary art, sociability, and the covenant epistolary.

Keywords: Epistolary writing; written culture; correspondence practices.

PRÁTICAS EPISTOLARES E CULTURA ESCRITA

A escrita epistolar é um dos processos de afirmação das práticas da cultura escrita – em uma sociedade que se torna cada vez mais grafocêntrica¹ – no período compreendido entre o final do século XIX e o começo do século XX.

Escrever cartas é uma prática social da cultura escrita que se generaliza e populariza ao mesmo tempo em que uma parcela maior da população é alfabetizada e são criados os sistemas escolares. É preciso compreender a escrita epistolar como uma rara oportunidade de transitar pela história de diferentes territórios da intimidade, por relações de amor e amizade, por experiências singulares de sociabilidade².

A cultura escrita caracteriza um modo de organização social³ e «vai desde o livro ou o jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo»⁴. Escrever, de acordo com Castillo Gómez⁵ «sinaliza para uma atividade mais espontânea e até subjetiva».

* Universidade Federal de Pelotas. Email: crgastaud@gmail.com.

** Universidade Federal de Pelotas. Email: brunafriocosta@gmail.com.

¹ Isto é, numa sociedade em que a cultura da maioria é profundamente penetrada pelo escrito e em que o impresso desempenha papel de primeira importância na circulação dos modelos culturais. CHARTIER, 2003: 91.

² CASTRO GOMES: 2004.

³ BRITO, 2005: 15.

⁴ CHARTIER, 2001: 84.

⁵ CASTILLO GÓMEZ, 2012: 68.

Estudar as práticas de correspondência é mergulhar nas relações entre cultura escrita e sociedade e na função que cada produto gráfico assume no ambiente cultural concreto que o produz e utiliza⁶. As cartas, inclusive e, talvez, especialmente as correspondências ordinárias, «datadas e localizadas, guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e no espaço»⁷. Seus dizeres passam a ser «signos ou indícios a serem interpretados». Quando chegamos até nós, as cartas «desvelam a vida privada»⁸.

Neste trabalho buscamos exemplos dessas práticas nas cartas de Mozart Antunes Maciel, parte do conjunto epistolar Família Maciel⁹ que integra o acervo do Museu da Baronesa localizado na cidade de Pelotas, no Sul do Brasil. Constituído por duzentas e trinta e cinco cartas – sendo cento e quarenta e oito escritas ao longo de três décadas pela Baronesa Amélia; cinquenta e três cartas escritas pelo neto da Baronesa, Rubens, entre fevereiro e agosto de 1914 e trinta e quatro escritas por Mozart entre outubro de 1927 e maio de 1928, todas elas dirigidas a D. Sinhá, filha da Baronesa e mãe dos rapazes, que habitou a mesma casa em que hoje está o Museu – este conjunto apresenta indícios de outros tempos, de hábitos, de práticas e de valores partilhados referentes à escrita epistolar, assim como às formas das sociabilidades e aos deveres de consideração para com pares e familiares. Segundo filho de D. Sinhá a fazer o giro europeu, Mozart vai para Europa em outubro de 1927. De lá, remete, de várias cidades, trinta e quatro cartas que se estendem pelo ano de 1928.

De Paris, a primeira carta escrita já anuncia o desejo de que as cartas materializem a experiência ímpar que o missivista está vivendo.

Entretanto, sem exagero, seria necessario ser um escriptor perfeito, com uma memoria muito boa, para, em muitos volumes, poder traduzir com a possível fidelidade tudo o que, percebido pelos sentidos, pouco habituados, fosse repercutir no seu cerebro e na sua alma. Mas vamos por partes... e que eu seja feliz na descrição! (Carta de 15 de outubro de 1927).

As cartas de Mozart dirigem-se à mãe exclusivamente, iniciando sempre por variações de «Querida mamãe».

Mozart parece ser um correspondente muito interessante, suas descrições são vivas e as saudações bastante carinhosas. Repetem-se em suas cartas os pedidos por mais cartas – escrevam mais – e as indagações por correspondentes faltosos, que não responderam aos cartões enviados.

O escrito possui uma característica importante: ele «reflete» quem escreve. Na escrita epistolar, mas não apenas nela, as folhas de papel podem captar as emoções, seja através da caligrafia mais forte ou mais branda, seja no cuidado de escrever sem rasurar, seja no modo como a descrição dos fatos é feita, em suma, as cartas falam de quem escreve.

⁶ SIERRA BLÁS, 2003: 109.

⁷ IONTA, 2004: 19.

⁸ DAUPHIN & POUBLAN, 2002: 75.

⁹ Este conjunto epistolar foi objeto da tese de doutorado de Carla Rodrigues Gastaud intitulada De Correspondência e correspondentes: Cultura Escrita e Práticas Epistolares, disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21852>.

As cartas são objetos biográficos. O correspondente escreve para realizar um projeto de dizer e de dizer-se. A escrita permite moldar o sentido do «eu» ou de identidade e, dessa forma, afeta as maneiras como as vidas são construídas. As cartas, segundo Mignot e Cunha (2006), materializadas em papel e tinta guardam histórias individuais e familiares. Elas são resultado da vontade de testemunhar um vivido. Escrever cartas é fazer-se presente, mostrar-se ao outro e fazer-se ouvir. Destinada a estabelecer vínculos e pactos de reciprocidade, a carta fixa na escrita a complexa relação de confiança estabelecida entre remetente e destinatário. Carta contém mundos inalcançáveis, apenas brevemente vislumbrados. Mas como feixes de luz, permitem vislumbrar vidas narradas. A família – ou pessoa – que guarda institui um conjunto que serve aos seus propósitos: seleciona, descarta, elege as cartas boas para guardar.

Segundo Chartier (1991), *Le Secrétaire à la mode*¹⁰ foi o «*best seller*» das coletâneas de modelos de cartas. Embora «dedicados inicialmente aos epistológrafos nobres ou burgueses, esses secretários logo são incluídos no catálogo de editores que publicam livros de ampla circulação». O interesse pelos manuais de escrita estendeu-se a outras camadas sociais e a *Bibliothèque bleue*¹¹ incluiu o *Secrétaire à la mode* e outros manuais. É bastante possível que tais modelos eruditos tenham tido bem pouca utilidade para os leitores populares, mesmo assim, «possuir um livro que os contém constitui uma espécie de enobrecimento cultural»¹².

No século XIX, novas formas da cultura escrita se impõem e as relações epistolares acabam por matizar¹³ toda a vida social e por colocar toda uma sociedade, voluntaria ou forçosamente, nos traçados do escrito¹⁴.

O romance *Drácula*¹⁵ é uma amostra desta sociedade atravessada pela escritura. Publicado no final do século XIX, o livro se organiza inteiramente sobre testemunhos escritos – o diário de Jonathan Harker, as cartas de Mina Murray, os telegramas, as notícias publicadas no *Daily Telegraph* – que constroem a atmosfera de verossimilhança em torno da história do vampiro romeno que, por um curto período, assombra Londres.

SOBRE OS MANUAIS EPISTOLARES

Num mundo que se torna cada vez mais grafológico, a correspondência se torna o exercício por excelência que dá acesso ao universo do escrito¹⁶. Esse é o tempo em que todos e qualquer um, gentes de pluma e sem ela¹⁷, em alguma ocasião, precisaram escrever

¹⁰ Escrita por Jean Puget de La Serre, esta obra conheceu muitas versões ainda durante a vida do autor (1593?- 1665), com o acréscimo de novas cartas e recomendações anunciadas com destaque nas folhas de rosto. Inúmeras obras similares apareceram ao longo do século XVII, em vários países. MIRANDA, 2000: 44-5.

¹¹ «Fórmula editorial desenvolvida entre 1700 e meados de 1800, [pelos Oudot de Troyes], com a finalidade de atrair o público leitor mais numeroso (e mais popular)», oferecia livros com capa azul, cujos títulos «provinham de todos os gêneros, todas as épocas e de todos os tipos de literatura» sempre comercializados ao preço mais baixo possível. CHARTIER, 1995: 223.

¹² CHARTIER, 1991: 116.

¹³ *Émailleur* no original. DAUPHIN, 2000: 12.

¹⁴ DAUPHIN, 2000: 12.

¹⁵ STOKER, [1897] 2007.

¹⁶ Tradução das autoras. DAUPHIN, 2000: 12.

¹⁷ CASTILLO GOMES, 2006: 19.

cartas, acessar este universo, daí o significativo sucesso dos manuais de escrita epistolar no século XIX.

Os manuais difundem as normas epistolares, um modo correto de colocar-se por escrito, de dirigir-se ao destinatário, de usar o papel, são instrumentos para organizar o estilo de escrever cartas e o êxito que experimentam está vinculado ao avanço da alfabetização e da necessidade de escrever cartas¹⁸.

Sempre pedagógicos¹⁹, os manuais servem para ensinar não só às pessoas com menos habilidade gráfica, mas, também, às pessoas com menos traquejo ou habilidade social. Um tema de que os manuais se ocupam repetidamente é esclarecer como se deve dirigir cartas a destinatários de diferentes posições e condição social.

Todo manual traz regras para cada ocasião em que uma carta deveria ou poderia ser enviada. Esses códigos, tão importantes quanto o conteúdo verbal da missiva, estabelecem uma imagem do remetente para o destinatário que, com um olhar para a carta recebida poderia identificar quando se trata de uma pessoa fina, letrada, educada, ou, ao contrário, poderia dizer que não se trata absolutamente de uma pessoa com estas qualidades.

Gaspar Tejada escreve em seu manual: «as cartas são projeções simbólicas de quem as escreve ou ordena e o secretário deve escrever as cartas de modo a que expressem a autoridade de seu senhor»²⁰. Tomando as cartas de uma forma similar, isto é, como expressão de quem as escreve ou ordena, o manual de Lucia Jordão Villela afirma: «uma carta é quase que o retrato de uma pessoa. Quem escreve deve, pois, dar toda atenção ao aspecto de sua missiva»²¹. Ou seja, a apresentação da carta – uma distribuição agradável do escrito, adequada, limpa, sobre bom papel, em boa caligrafia – cria um conceito sobre o autor da missiva.

O sucesso dos manuais está diretamente relacionado ao desejo de ser social e culturalmente apto, de colocar-se em um bom lugar na sociedade escriturística. Na falta de uma aptidão de berço ou de formação, o manual oferece a chance de parecer social e culturalmente adequado.

Esta habilidade, a de enviar uma carta em todos os sentidos adequada, era mais um marcador social que evidenciava a origem de classe do autor, assim como o fazem a fala com acento de origem popular, o tempo de permanência na escola, a prática de determinados esportes e o bronzeado da pele, ou, dependendo da época, a falta dele, entre tantos outros indícios de pertencimento social.

Enquanto o uso da correspondência se impõe em todos os domínios, a distribuição do *savoir-faire* epistolar não é uniforme. Cada situação de escritura deve ajustar à norma os rudimentos de um saber incerto, reinventar as mediações que ajudam a converter um ato de comunicação em texto corretamente dirigido e formulado²².

¹⁸ CASTILLO GOMES, 2006: 36.

¹⁹ DAUPHIN, 2000: 10.

²⁰ Apud CASTILLO GOMES, 2006: 40.

²¹ VILLELA, 1967: 260.

²² DAUPHIN, 2000: 13.

A organização do texto e sua materialidade eram aspectos que convertiam a carta em um artefato capaz de representar as regras do pacto social e, portanto, capazes de projetar uma imagem de quem a escreveu e de sua posição naquela sociedade. Alterar as regras de escritura das cartas implicava romper o pacto social²³. Saber escrever significava também saber o que é conveniente e o que é decente dizer por escrito «*a l'ordre d'une culture, d'un gout, d'une liberté de parole*»²⁴.

A liberdade de palavra, como na Grécia antiga, não é a liberdade para dizer o indizível, mas a liberdade para dizer o adequado. Há coisas que não devem ser ditas e muito menos escritas uma vez que, como os manuais encarregam-se de afirmar repetidas vezes, *scripta manent* – a escrita permanece – enquanto «as palavras passam, ou esquecem, o que se escreve fica, *'scripta manent'*»²⁵.

MANUAIS EPISTOLARES: A REGRA E A TRANSGRESSÃO

A partir do século XVI, diversas obras, oferecendo modelos e normas para a prática da correspondência foram publicadas com o objetivo de «estruturar pequenos conjuntos de regras que podiam referir-se, por exemplo, às formas dos cabeçalhos e das frases de despedida»²⁶.

Essas formas e formalidades só têm sentido se os sujeitos do comércio epistolar compartilham dos mesmos códigos, porque a forma da carta

*[...] entraña un acto de comunicación que se debe interpretar a partir de los contextos de producción y recepción, valorando las estrategias culturales e ideológicas de las que se hace portador y las maneras en que se verifica la decodificación del mensaje, y incluyendo igualmente la reescritura que el texto puede experimentar una vez en manos del lector*²⁷.

O gesto epistolar manifesta normas e manifesta, também, a sua transgressão. A forma como uma carta é escrita revela a formação e a competência gráfica de seu autor e o «*seguimiento del protocolo de escritura que este emplea se convierte en un indicador de primera orden para situarle en una o en otra parte del entramado social*»²⁸. Escrever bem, isto é, escrever conforme a norma – ortografia, sintaxe, caligrafia, estilo – utilizando os materiais adequados – bom papel, tinta escura, envelopes apropriados – é um marcador de distinção social. Tal distinção pode ser confirmada quando Mozart Antunes Maciel se desculpa com a mãe – sua principal destinatária – pelo papel utilizado para escrever, em carta de Nice em 24 de fevereiro de 1928.

23 CASTILLO GOMES, 2006: 55.

24 «À ordem de uma cultura, de um gosto, de uma liberdade de palavra». (Trad. das autoras]. DAUPHIN, 2000: 13.

25 ROQUETTE, [1866]1997: 267.

26 MIRANDA, 2000: 44.

27 CASTILLO GÓMEZ, 2003: 104.

28 SIERRA BLÁS, 2003: 28.

P.S. Não repares o papel de carta em que te escrevo: vê-se bem que eu estou na França! Apesar de que este é um dos melhores hotéis da cidade, o único papel que elles oferecem é este,... e isso mesmo em troca de... 2 francos. (Carta de 24 de fevereiro de 1928).

Por isso os manuais são um sucesso editorial tão duradouro? Será porque constituem uma possibilidade de superar barreiras de classe e de formação?

Os manuais podem se apresentar como uma chave para apagar a distância cultural entre os que dominam as habilidades necessárias para escrever uma carta e os que não as dominam, mas os leitores populares, afirma Chartier, para os quais os manuais não tinham utilidade prática, parecem tê-los lido como ficção²⁹. As fórmulas dos manuais se apresentam como um salvo-conduto para ultrapassar barreiras sociais³⁰. Por outro lado, escrever demasiadamente de acordo com as normas e seguir muito estritamente os modelos prescritos poderia funcionar como um marcador social às avessas, denunciando a pouca familiaridade com a escritura de tipo epistolar e a consequente preocupação com a forma. Como aponta Carmen D'Ávila, «que coisa horrível verificar que alguém nos escreve ‘ipsis verbis’ o que ali [nos manuais] se encontra»³¹.

Carta, epístola, missiva, correspondência. Uma carta é um objeto escrito para comunicar algo a alguém. Este alguém pode ser singular, individual, ou tão múltiplo quanto uma família, uma comunidade de leitura, uma vizinhança, uma cidade, um país, uma nação. Para ser reconhecido como uma carta, o objeto escrito deve mostrar alguns dos atributos do gênero epistolar, entre eles: lugar de origem, data e destinatário, saudações e despedidas e distribuição dos parágrafos de acordo com o cerimonial epistolar.

A CIRCULAÇÃO DE CARTAS

Por definição as cartas circulam. Escritas para suprir a falta, ou suprimir a distância, as cartas levam o correspondente – ou suas palavras por escrito – ao destinatário distante. Não é nada incomum um correspondente declarar que ler a carta do amigo é receber sua visita ou ouvir sua voz, tal como Sêneca, na Epístola 40: «Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que imediatamente, fiquemos na companhia um do outro»³².

As cartas podem efetuar ligações afetivas através das fronteiras da ausência, porque o escrito é capaz de carregar, «o corpo ausente, a memória, a genealogia, bem como o valor material literal»³³. Para cumprir seu papel, as cartas viajam, de um bairro a outro, de uma cidade a outra, de um país a outro, de uma escola a outra. Na primeira carta escrita por Mozart Antunes Maciel, de Paris, ele solicita a destinatária, sua mãe, que a carta seja lida por outros amigos:

²⁹ CHARTIER, 2003: 159.

³⁰ DAUPHIN, 2000: 58.

³¹ D'ÁVILA, 1942: 169.

³² Apud TIN, 2005: 24.

³³ STALLYBRASS, 2012: 26.

*P.S. Depois de lerem esta, Mamãe querida, telephona para Sul 2164, casa do «seu» Assumpção, e diz ao Mario que pode mostrar aos amigos. Depois ele devolverá.
M. (Carta de 15 de outubro de 1927)*

No Brasil a circulação das cartas físicas é competência dos Correios. A Lei Postal de 1978, no seu artigo 47, define correspondência postal como «o objeto que contém comunicação ou nota atual e pessoal, dirigida a outrem». E, ainda, «carta é todo papel, mesmo sem envoltório, com comunicação ou nota atual e pessoal». Também são consideradas cartas «todo objeto de correspondência com endereço, cujo conteúdo só possa ser desvendado por violação» (Lei 6.538/78).

Na década de 1840, vários países ocidentais modificaram seus sistemas de correio. A Inglaterra foi o primeiro deles com a implantação do *Penny Post*, que tornou simples e barato expedir cartas e transformou a correspondência num hábito. Implantado por Sir Rowland Hill, o *Penny post* – modalidade de postagem – fixou que «todas as cartas deviam ser pagas pelo expedidor, com um porte uniforme estabelecido pelo correio – um *penny* para as cartas pesando menos de catorze gramas». Antes desta reforma, o serviço postal inglês «estava perdido em uma confusão de regulamentos que traziam grandes inconvenientes e tornavam as taxas exorbitantes», a distância e o peso da carta multiplicavam o valor do porte que era pesado mesmo para os «melhores» e inviável para os pobres. «Pior ainda: o tráfego postal não era seguro, estava exposto a extravios, furtos, contrabando e atrasos extraordinários»³⁴.

O volume de cartas expedidas nesse país dobrou já no primeiro ano de funcionamento do novo sistema e multiplicou-se muitas vezes nas décadas seguintes. Como assinala Peter Gay, rapidamente «escrever cartas passou a ser uma ocupação importante das pessoas alfabetizadas»³⁵. Nos Estados Unidos realizou-se uma reforma semelhante em 1847, no Brasil, a adoção do modelo inglês se deu em 1842.

Outra mudança significativa, desta vez no tempo transcorrido entre a expedição e o recebimento das cartas, ocorreu com a criação do correio aéreo nos anos 1920, assim registrado por Saint-Exupéry:

*Os três aviões postais da Patagônia, do Chile e do Paraguai voltavam assim do sul, do oeste e do norte para Buenos Aires, onde se aguardava sua carga para dar o sinal de partida, por volta da meia noite, ao avião da Europa*³⁶.

Essas questões – correios, selos, malas postais – não são apenas ilustração histórica, elas reverberam nas práticas. Em carta datada de 16 de março de 1928, enviada de Londres, Mozart Antunes Maciel, escreve à mãe sobre o correio aéreo:

No caso de eu poder voltar imediatamente, pede ao Papae que, como da primeira vez, encha um cheque de 100 (custo da passagem) Libras, que tú mesma me enviarás juncto com

³⁴ GAY, 1990: 342-343.

³⁵ GAY, 1999: 342-343.

³⁶ SAINT-EXUPÉRY, 1975: 21.

algumas recommendações que julgues necessarias; e si puderes, não deixes de aproveitar o correio aereo (cuja primeira «mala» dahi já foi distribuida hontem em Paris), que significa uma economia de tempo de mais de 20 dias. (Carta de 16 de março de 1928)

Apesar das mudanças nos serviços dos correios, Mozart, em três cartas consecutivas, enviadas de Londres e datadas de 29 de março, 05 de abril e 12 de abril de 1928, reclama deste serviço:

Dizes que algumas das tuas cartas não me chegam ás mãos, e vice-versa, e infelizmente assim é. A proposito, recebeste uma carta «confidencial», registrada, que te mandei no dia 17 deste mez (Março)?³⁷ Espero que sim, porque ella contém muita cousa de interesse para nós!

Quanto aos retratos «instantaneos» que me pediste, não os tenho mandado com receio de que não os chegues a receber, preferindo levar-los eu mesmo. (Carta de 29 de março de 1928)

É uma pena que não recebas as pequenas encommendas e as cartas que seguidamente tenho te escripto. Espero, porém, brevemente, tirar a minha desforra do Mº Correio, dando-te pessoalmente todos os beijos, que elle não quis transmittir. (Carta de 05 de abril de 1928)

Há já alguns dias que estou para escrever-te, mas esperava uma promettida carta que, entretanto, parece ter tido o mesmo destino de muitas outras, nas mãos dessa, pelo menos ás vezes, matadora de esperanças que pomposamente se chama – Repartição Geral dos Correios e Telegraphos Nacionaes! (Carta de 12 de abril de 1928)

O prazer das cartas que chegam, a angústia das cartas que se perdem, a espera pelas cartas que demoram. Em carta de Paris em 19 de novembro de 1927, Mozart escreve à mãe sobre isto:

Recebi, hontem, a tua primeira carta, datada de 21 de Outubro. Não podes avaliar todo o contentamento que ella me trouxe, tal a saudade e a falta que tenho sentido de ti e de todos; basta dizer-te que eu não podia convencer-me que ainda não havia tempo para receber cartas, e já por 6 ou 7 vezes havia ido ao Consulado procura-las. Emfim, quem espera nem sempre deve desesperar... e o meu dia chegou! (Carta de 19 de novembro de 1927)

As condições de possibilidade de manutenção do comércio epistolar³⁸ – presentes na carta que Mozart escreve de Paris, em 23 de outubro de 1927 – atravessam as práticas e são tratadas, ao lado dos temas da vida privada, rotineiramente nas cartas. Compõem o mosaico dos usos diferenciados, das apropriações, ou não, das normas, dos efeitos de sentido da escrita epistolar.

Mamãe querida, para terminar, peço-te novamente que me escrevas bastante (é o único lenitivo para a grande saudade que, naturalmente, sinto de todos) e que pelas tuas cartas, me

³⁷ A carta a qual Mozart se refere, datada 17 de março de 1928 faz parte do acervo disponível para pesquisa, portanto, apesar de criticar o serviço do correio, a carta chegou ao destinatário.

³⁸ Entende-se por comércio epistolar a simples troca de cartas, regular ou não, entre dois correspondentes. No mesmo sentido em que Roquete ([1866]), 1977, p. 268) emprega esta expressão em seu manual.

tragas sempre ao par dos teus projectos, da vida de todos, dos nossos negocios, dos quaes desejaria ter sempre amplas informações, e, ainda mais, como vae se portando o grupo dos – Macielsinhos. (Carta de 23 de outubro de 1927)

Escrever é traçar na página, por «uma série de operações articuladas gestuais e mentais», trajetórias que desenham frases e, por fim, um sistema³⁹. A página, o texto, o jogo escriturístico e o terreno cultural e social no qual esse jogo acontece, são elementos a considerar no empreendimento epistolar.

O jogo escriturístico não é apenas um jogo,

[...] tem como sentido remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la [...]. O laboratório da escritura tem como função 'estratégica': ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o mundo e transformá-lo. A ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um 'recebido', o que sai dela é um 'produto'. As coisas que entram na página são sinais de uma 'passividade' do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas de seu poder de fabricar objetos⁴⁰.

Uma carta é um objeto escrito. Escrito por um missivista que traça, com seus gestos sobre a página, frases que querem dizer algo a alguém. Esse produto escriturístico nunca é neutro⁴¹.

No ato/gesto epistolográfico, missivistas, a partir de um repertório compartilhado de palavras, conceitos, modelos, gestos e costumes, pensam e expressam um mundo exterior ao empreendimento escriturístico em que se empenham.

A materialidade da escritura tem implicações – o papel, o envelope, a pena/caneta – os instrumentos da escrita; o lugar de escrever; a distribuição do escrito na página; a ordem em que os assuntos aparecem; o estilo adotado; os espaços deixados em branco; as normas epistolares (obedecidas ou não), tudo isso provoca efeitos sobre os missivistas – e pretende conformar a leitura que será feita pelo destinatário, ao induzir tal ou qual compreensão, insinuar o indescritível, expor determinadas impressões e sentidos.

Estudar as práticas de correspondência é lançar-se em um mergulho nas relações entre cultura escrita e sociedade e no papel que cada produto gráfico assume no ambiente cultural concreto que o produz e emprega. As cartas podem ser um modo privilegiado de acesso a relacionamentos, sociabilidades, familiaridades, singularmente próximas e, simultaneamente, ser estranhas ao tempo em que vivemos o que torna as cartas especialmente interessantes para o historiador. Além disso, é possível apreender, através da materialidade da escritura epistolar, como os artefatos culturais implicados nas práticas de correspondência são postos em ação na erudição, na cali-

³⁹ CERTEAU, 1994: 225.

⁴⁰ CERTEAU, 1994: 226.

⁴¹ «A empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe de seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior». CERTEAU, 1994: 226.

grafia, na gramática, no estilo, na arte epistolar, na construção das sociabilidades e no pacto epistolar.

BIBLIOGRAFIA

- BRASIL. Lei N.º 6.538, de 22 de junho DE 1978. Disponível em <http://www.correios.com.br/servicos/falecos-moscorreios/lei6538.cfm> acesso em 13 jul de 2009.
- BRITTO, Luiz Percival Leme (2005) – *Letramento e Alfabetização: implicações para a Educação Infantil*. In: FÁRIA, Ana Lúcia Goulart de & MELLO, Suely Amaral (Orgs.) – *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas: Autores Associados, p. 5-21.
- CASTILLO GOMES, Antonio (2003) – *Historia de la cultura escrita: ideas para el debate*. Revista Brasileira de História da Educação. Dossiê «O Público e o Privado na Educação Brasileira»; janeiro/junho 2003, n.º 5.
- ____ (2006) – *Entre la pluma y la pared*. Madrid: Ediciones Akal.
- ____ (2012) – *Educação e Cultura Escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares*. Educação – PUCRS – Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, jan/abr 2012.
- CASTRO GOMES, Ângela de (2004)– *Escritas de si, escritas da história: a título de prólogo*. In: GOMES, A.C. (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- CHARTIER, Roger (1991) – *As práticas da escrita*. In: CHARTIER, R. (Org.). *História da Vida Privada*, v. 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras.
- ____ (1994) – *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes.
- ____ (2003) – *À Beira da Falésia*. Porto Alegre: UFRGS.
- ____ (2003a) – *Formas e sentido. Cultura escrita: entre apropriação e distinção*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- CHARTIER, Roger (2007) – *Inscriver e apagar*. São Paulo: Editora UNESP.
- DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele (2002) – *Maneiras de escrever, maneiras de viver-cartas familiares no século XIX*. In: BASTOS, Maria Helena C., CUNHA, Maria Teresa S. e MIGNOT, Ana Chrystina V.(orgs.). *Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar*. Passo Fundo: UPF.
- DAUPHIN, Cecile (2000) – *Prête-moi ta plume... Les manuels épistolaires au XIXe siècle*. Paris, Klimé.
- D'ÁVILA, Carmen (1942) – *Boas maneiras*. Ilustrações de Noemia. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Civilização Brasileira S.A.
- GAY, Peter (1999) – *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- IONTA, Marilda Aparecida (2004) – *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Santos (2006) – *Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as*. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abril, 2006.
- MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis (2000) – *A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII*. In: GALVÃO, Walnice e GOLTLIEB, Nádía. *Prezado senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROQUETTE, JI (1997)– *Código do Bom-Tom, ou regras da civilidade e do bem viver no século XIX*. Organizado por Lilia Moritz Shwarcz. São Paulo: Companhia das Letras.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine (1975) – *Vôo Noturno*. 3.ª ed. Círculo do Livro, São Paulo.
- SIERRA BLÁS, Verónica (2003) – *Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares em la Espanha contemporánea (1927-1945)*. Ediciones TREA.
- SOARES, Magda Guimarães (1970) – *Português através de textos*. 2.ª Série. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A.

- STALLYBRASS, Peter (2012) – *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- STOKER, Bram ([1897] 2007) – *Drácula*. Porto Alegre: LPM.
- TIN, Emerson (org), BOLONHA, Anônimo de; ROTTERDAM, Erasmo de; LÍPSIO, Justo (2005) – *A arte de escrever cartas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- VILLELA, Lúcia Jordão (Tradução e Adaptação) (1961) – *Saber viver*. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1967. *El*a Enciclopédia. Título original: *Lê savoir-vivre, Collection «Femmes d’Aujourd’hui»*, Bruxelles.